



IRENE LORAND-METZE

“Uma das nossas funções é formar recursos humanos e isso me dá bastante orgulho”

Irene Gyongyver Heidemarie Lorand-Metze

Uma melhor atividade laboratorial, para o melhor cuidado de pessoas



Irene Lorand-Metze sempre gostou de lidar com pessoas e laboratórios. E foram essas paixões que a levaram a cursar medicina. Aluna da primeira turma da FCM, ela atuou ao lado de colegas de curso, professores e funcionários, na construção da faculdade. Foi contemporânea de grandes mestres da clínica médica, como Silvio Carvalhal, e, por isso mesmo, valoriza uma atuação médica que considere o atendimento integral ao paciente. “Ter uma base clínica e patológica permite ao médico entender melhor os mecanismos das doenças e pensar nos diagnósticos diferenciais, para o melhor tratamento do paciente”, enfatiza.

Professora titular aposentada do Departamento de Clínica Médica da FCM, Irene também é membro atuante dos grupos brasileiros de Mielodisplasia do Adulto, da Infância e de Citometria de Fluxo, que são seções da Associação Brasileira de Hematologia e Hemoterapia. Especialista em oncohematologia, biologia celular e imunologia, ao longo de sua trajetória, ela contribuiu, significativamente, no avanço do conhecimento científico com a formação de diversos especialistas e serviços.

Em entrevista ao Boletim da FCM, ela fala sobre diversos avanços em sua área de atuação, ao longo das últimas cinco décadas no campo da Saúde. “O que mais me gratifica na carreira é ver que os ex-residentes e ex-alunos de pós-graduação que estiveram sob a minha tutela, agora são chefes de serviços

que também ajudei a construir, como o Serviço de Hematologia de Brasília, o Hospital de Pediatria do Complexo de Barretos, o Laboratório de Citometria de Campo Grande etc. Uma das nossas funções é formar recursos humanos e isso me dá bastante orgulho”, diz Irene.

FCM Unicamp – Como a senhora aliou o interesse em lidar com pessoas com o dia a dia do laboratório?

Irene G. H. Lorand-Metze – A hematologia é uma especialidade que permite as duas coisas no dia a dia. Ela permite não só examinar o paciente, mas chegar ao diagnóstico final com a realização dos exames de laboratório.

FCM Unicamp – Como essa área evoluiu ao longo dessas cinco décadas de existência da FCM?

Irene – Quando eu era residente, as leucemias agudas infantis eram tratáveis, mas não eram curáveis. Atualmente, cerca de 80% desse tipo de leucemia tem cura. Os pacientes crescem, se casam e têm filhos. Alguns tipos de linfomas em adultos tiveram descritos tratamentos poliquimioterápicos em 1972. Isso permitiu que milhares destes pacientes fossem curados.

FCM Unicamp – Como era a área de hemoterapia no início da sua carreira?

Irene – Não tinha muita coisa. Na época da minha residência o que havia no banco de sangue era a transfusão de sangue total. Com a melhora do tratamento das neoplasias hematológicas e, posteriormente, dos transplantes, foi preciso avançar no campo da hemoterapia. O aparecimento do HIV, na

década de 1980, foi outro fator que impactou fortemente nesse campo. O combate da Aids tinha que passar pela segurança transfusional no banco de sangue. Era política do Governo Federal e coincide com a criação dos diversos Hemocentros espalhados pelo Brasil.

FCM Unicamp – Quais as grandes contribuições tecnológicas no campo das pesquisas sobre o sangue para a sociedade?

Irene – São muitas. Na hematologia, o desenvolvimento da quimioterapia permitiu curar várias doenças, incluindo o Linfoma Difuso de Grandes Células B (tipo mais comum de linfoma não Hodgkin) e o linfoma Hodgkin. Na hemoterapia, a sorologia para o HIV, hepatite, Doença de Chagas e sífilis aumentou a segurança das transfusões. Tivemos o desenvolvimento da citogenética para o estudo das mutações dos genes responsáveis por doenças hematológicas (como na leucemia promielocítica aguda e a mieloide crônica), e da citometria de fluxo, que serviu de base para a classificação de linfomas, leucemias, e o estudo da doença residual mínima, que tem orientado os tratamentos de leucemias nas crianças, e o mieloma múltiplo.

FCM Unicamp – As tecnologias por imagem tiveram algum impacto sobre essas áreas de investigação?

Irene – Temos um bom relacionamento com a radiologia e a Medicina Nuclear. Os exames de CT e PET-CT são condições básicas para definir o estágio

e acompanhar o tratamento das neoplasias hematológicas.

FCM – É verdadeira a percepção de algumas pessoas quando afirmam que antigamente “quase ninguém morria de câncer”? Quais são as causas?

Irene – Em parte. Antes de tudo é preciso explicar que o câncer é um termo “guardachuva”, e que abriga um grande número de neoplasias. Obviamente, o aumento da expectativa de vida da população e a própria senescência tornou-se um fator que propicia o desenvolvimento deste grupo de doenças. Para não falar da polêmica atual sobre o consumo das carnes industrializadas como agentes cancerígenos.

FCM Unicamp – A origem das neoplasias é multifatorial?

Irene – Sim, elas podem ser explicadas pela predisposição genética, exposição a agentes nocivos (cancerígenos), e estado nutricional e imunológico das pessoas. Não podemos negar que, além do envelhecimento populacional observado no nosso país, a população está cada vez mais exposta a agentes cancerígenos, presentes em inseticidas, defensivos agrícolas, e até em alimentos processados. Mas, bons hábitos alimentares e a prática de esportes diminuem este risco. 🏠

Entrevista concedida à jornalista **Camila Delmondes**
Assessoria de Relações Públicas e Imprensa da FCM, Unicamp